



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11869 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

Narrativas de mulheres chefes de família na EJA: mães, trabalhadoras e estudantes na luta pelo direito de ser

Julia Canella da Silva - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Mariana Cassab Torres - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Narrativas de mulheres chefes de família na EJA: mães, trabalhadoras e estudantes na luta pelo direito de ser

O presente trabalho se organiza a partir da pesquisa de mestrado, ainda em andamento, que tem como sujeitos de fala três mulheres da Educação de Jovens e Adultos que se constituem enquanto chefes de seu contexto familiar, no sentido de serem responsáveis pela organização e/ou sustento por meio da garantia da fonte de renda prioritária ou essencial de seu núcleo. O recorte estabelecido sobre mulheres chefes de família se baseia no fato de que, entre os anos de 2001 a 2015, 105% das famílias passaram a ser chefiadas por mulheres (IBGE/Pnad, 2015). Cabe-nos questionar as repercussões de tal fenômeno para os processos de escolarização das mulheres, especialmente no contexto da EJA.

A partir da produção de narrativas de história de vida de mulheres chefes de família que retornam à escola através da EJA, a pesquisa se ocupa em interrogar acerca dos significados e importâncias que a escola assume em suas vidas nos diferentes momentos em que estas se atravessam, e de que forma sua vivência e condição social enquanto mulher e chefe de família afetam seus processos de escolarização. A intenção é pôr em relevo as questões de gênero e seus efeitos na análise das histórias de vida das educandas no tocante aos seus processos não lineares e conturbados de escolarização. Para tal consubstanciam nossa análise autoras como Federici (2019) e Louro (1997).

Ao lançar mão da história de vida, da narrativa e dos estudos de gênero como contexto de inteligibilidade teórico-metodológico da pesquisa, buscamos afirmar científica e politicamente que as mulheres são agentes construtoras de suas próprias histórias, estabelecendo atos de escuta e de voz em torno do direito de dizer sua palavra e de ser. Buscamos assim compreender, por meio de histórias singulares e particularizadas dessas mulheres, os processos sociais, culturais e históricos que determinam as trajetórias femininas

na escola da EJA, o que significa perseguir *pari passu* subjetividades, desejos e expectativas posicionados no tecido social, cultural e histórico que condicionam e afetam o ser mulher pobre, trabalhadora, estudante em nossa sociedade capitalista. Afinal, como asseveram Gill e Goodson, “as narrativas podem ser uma maneira útil de explicar ações humanas, e ao relatarmos nossa vida nós situamos nossas ações no contexto de intenções com relação a seu papel na história do cenário a que elas pertencem”. (GILL, GOODSON, 2015 p.217)

O avanço no processo das entrevistas de história de vida e a interpretação preliminar realizada permite-nos destacar três eixos analíticos, sendo estes a maternidade, os relacionamentos afetivos e o trabalho. Tal escolha emerge da relação que se estabelece entre empiria produzida e referencial teórico e assinalam a dominação e opressão sexista que determinam as trajetórias das mulheres em todos os âmbitos de sua vida subjetiva e objetiva (hooks, 2018). Isso significa que ao mesmo tempo que cada narrativa produzida, cada estória individual conta-nos sobre uma vida humana, a mesma também é reveladora de um estrutura social que determina a vida das mulheres.

A maternidade e os relacionamentos afetivos são dois eixos que se entrelaçam na vida das entrevistadas, tanto como marcadores da evasão escolar na juventude quanto como empecilho em seu retorno à escola anos depois. A interrupção da escolarização ainda durante a gestação foi apontada por uma das entrevistadas como um momento de interdição, a escola se recusou a fornecer meios para possibilitar sua permanência, ainda que o direito de ser assistida pelo regime de estudo domiciliar seja garantido por lei. O cuidado com os filhos é uma questão central apontada por todas, visto que o retorno a escola só se faz possível quando contam com o suporte de uma rede de apoio que fique responsável pelos menores. Em geral, tal suporte é oferecido por outras mulheres, sejam da família, amigas ou vizinhas, visto que os pais, mesmo quando presentes no arranjo familiar e tendo disponibilidade de tempo para o cuidado dos filhos enquanto a mãe está na escola, se recusam a fazê-lo.

Em relação aos relacionamentos afetivos com homens, diversas são as violências apontadas por essas mulheres, ainda que muitas vezes não reconheçam e nomeiem explicitamente os casos de abuso psicológico e exploração irrestrita de seu trabalho reprodutivo (FEDERICI, 2019). Já a violência física surge como um interdito manifesto nos silêncios, nas interdições que marcam as narrativas e também na minha vivência enquanto a professora de uma das informantes da pesquisa. A violência, o abuso, as limitações físicas, patrimoniais e psicológicas impostas pelos companheiros se colocam como fator decisivo no retorno e permanência dessas mulheres na escola, para os quais o incentivo e a rede de apoio que recebem para fora do domínio dessas relações afetivas são parte fundamental desse processo.

No trabalho, o acúmulo de jornadas e funções do mundo profissional e do trabalho doméstico, o risco de demissão e a dificuldade de retornar ao mercado após a maternidade, a desvalorização do salário em comparação aos homens e a delegação de funções consideradas “naturalmente femininas”, como o cuidado com o outro, a organização, a limpeza, entre outros, são questões que marcam a vida laboral das entrevistadas. O trabalho doméstico, o trabalho de cuidado com idosos ou irmãos mais novos, são atravessamentos comuns às mulheres que frequentam a EJA, tanto em suas casas quanto em sua vida profissional, pois,

como aponta Federici (2019) as possibilidades de emprego para mulheres muitas vezes representam uma extensão do trabalho doméstico, resultando somente em um acúmulo de funções. O cansaço extremo, a dificuldade de deslocamento e o acúmulo de funções são questões apontadas pela pesquisa quando relacionamos a vida profissional e a escolarização desses sujeitos.

As dimensões aqui assinaladas são determinantes na produção de uma vida escolar marcada pela evasão e reprovação. Por outro lado, retornar para a escola na EJA tem um sentido de conquistar um espaço seguro em que essas mulheres se sentem confortáveis para compartilhar suas vivências e serem ouvidas, ao contrário dos silenciamentos constantes que sofrem em casa. A dimensão de acolhimento que a escola pode representar é fundamental para que enfrentem as inúmeras dificuldades que as impelem para longe da escola. Em relação às possibilidades e às motivações para o retorno a escola, apontamos o incentivo e o apoio da família como parte fundamental do processo, tanto no cuidado com as crianças quanto no sentido de valorização do esforço e da dedicação dessas mulheres. As motivações para o retorno têm como principal foco a busca por melhores condições de emprego e remuneração, questão que também se coloca como essencial para aquelas que já reconhecem a necessidade de se separarem dos companheiros, mas ainda são interdidas pela dependência econômica.

Em suma, estar na EJA é parte das lutas das mulheres em (re) conquistar suas humanidades infringidas pelo sexismo e pela negação de seu direito elementar à educação. Exige apoio, que elas encontram objetivamente muito mais nas suas próprias redes de interação social, do que em políticas praticadas pela escola, isto é, pelo Estado.

Palavras-chave: mulheres chefes de família, história de vida, gênero.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Elefante, São Paulo, 2019.

GOODSON, Ivor. **O uso de métodos de história de vida para a compreensão das experiências vividas**. In: Narrativas em educação: a vida e a voz dos professores. Porto Editora, Portugal: 2015.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rosa dos tempos, 2018.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Editora Vozes, 1997.